SEMPRE CASTELAO

Sete achegas a Castelao e ao Sempre em Galiza



ATRAVÉS editora



Sempre Castelao

1ª edição, Julho de 2010

© 2010 AGAL
Associaçom Galega da Língua
editora@agal-gz.org

ISBN: 978-84-87305-40-7
Depósito Legal: C 2318 - 2010

Coordenaçom Editorial: Miguel R. Penas e Suso Sanmartin

Diagramaçom: Minho Media SL
Capas e impressom: Sacauntos Publicidade
Revisom linguística: Fernando Vasquez Corredoira, Carlos Garrido e Valentim R. Fagim

Esta obra vende-se conjunta e inseparavelmente com o *Sempre em Galiza*.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Castelao como mediação

Margarita Ledo Andión

Entre ver e perceber, deixando em aberto esse jogo precioso da consciência possível na pessoa que olha ou em quem o lê, o Castelao que escreve para diferentes publicações, o Castelao que faz um quadrinho para a imprensa diária, o Castelao que desenha, o que desenha um cartaz ou o que cria o reclamo das águas de um balneário, o Castelao que faz a portada de um livro, enfim, esta personagem imensa e diversa que nos representa porque nos expressa, mantém sempre certas constantes comunicativas dentre as quais salientamos aquelas que dão às suas obras essa inimitável assinatura que ficou ligada ao nosso percurso pelo século XX.

A metonímia, o detalhe, o todo na parte, tanto na gráfica como na frase, e a elaboração medida da atmosfera como o lugar em que se pode produzir a empatia, a identificação do outro com que um autor lhe presenteia, são figuras que encontramos tanto nos artigos como nas imagens para álbuns e para jornais, nestes objetos que nascem para se multiplicarem e circularem, para tecerem um fio entre todos e todas aquelas a quem possam chegar.

O recurso dialógico, tão presente em textos e pés de desenhos, como um dos modos de incorporação do leitor; o tom epistolar para dar entrada a uma certa emoção, à indignação, à reação que determinada

realidade lhe dita; a insistência na transparência, em buscar as voltinhas à aparência, fazem dos seus trabalhos jornalísticos um compêndio de estilo em que mostra as regras e as querenças, onde o ponto de vista faz com que exclamemos: é a verdade, e é a verdade de Alfonso Castelao.

Para além da crónica medida da sua experiência política, cerne e justificação da edição no exílio de uma obra como *Sempre em Galiza*, a recomendação de que um número de exemplares fossem introduzidos clandestinamente no país, são o derradeiro sinal de que Castelao pensou-se a si próprio, sobretudo, como mediação necessária entre aquilo que ficara sem desenvolver por causa, entre outras causas, da Guerra Civil, e os galegos e galegas da segunda metade do século. É o que em comunicação chamamos a construção do público, na dupla acepção de público-receptor de determinados objetos da indústria da cultura (da revista até um filme) e da esfera pública como espaço de participação. O que hoje em dia responde ao genérico "cidadania" mas percebida no seu significado original: como igualdade em termos sociais para poder exercê-la a nível pessoal.

"Bater na alma das multidões até promover um estado de opinião revolucionária" é, talvez, a principal ordem de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao e talvez seja o que melhor o define do interior e para a sua projeção no presente. A crença na transformação, nos processos de mudança, por uma parte; a identificação do povo como o sujeito da História; e a aposta na subjetividade, pela "consciência revolucionária" (este conceito introduzido por Lenine), como resultado e como operador nos caminhos para "Alva de Glória" fazem dele uma figura em que as ânsias do século atingem a dimensão justa.

Nacionalista e anti-imperialista, como não podia ser menos no tempo da última grande expansão colonial de Ocidente, se coincidimos em que o período 1916-1936 é a nossa época dourada, quando Galiza ensaia um programa de modernização que vai ligado à aprendizagem da democracia, Castelao singulariza-se, ao mesmo tempo, pela compreensão do que vai alicerçar a sociedade de comunicação de massas, como diferente à do antigo regime, e contribui para a sua materialização: desde os Meios, com os Meios a bordo, e contra certos Meios que unem de maneira direta interesses, ideologia e distorção.

Como animador do revezamento cultural, e como agitador através da criação de novas formas para novos conteúdos, Castelao é protótipo do comunicador moderno.

Ainda que mais incidental, sempre lembro as suas relações com o cinematógrafo: "Dê-me para ir ao cinema, que estou a seguir um filme" diz a criança de um quadrinho de Castelao, enquanto o de Rianjo olha-se anunciado com um tipo mais visível que a do próprio título do filme *La tragedia de Xirobio*, adaptação de um dos relatos de *Coisas da Vida*, por Vicus, "la novísima entidad cinematográfica viguesa". E na nossa retina, aquele Castelao jovem, fazendo uma breve aparição no primeiro filme galego de assunto, *Miss Ledya*, 1916, um filme amador e de peripécia onde sai em bicicleta fazendo de padre protestante.

A sua temática de intervenção na imprensa poderíamos agrupá-la, segundo os contextos, a partir dos motivos de que se serve para dar a conhecer Galiza fora, com um registo argumentado e documentado, e que encontramos na série de artigos em tempos de guerra para *Nova Galiza* a começo do volume, junto daquelas reflexões do passar pelas coisas, onde o mimo na descrição precisa e da ironia funde-se com elementos emocionais e com antecipações reveladoras, fazem da sua escrita um lugar onde o giro linguístico devém um elemento de realismo e de desejo, de lucidez e de resistência.

Iniciávamos o texto com uma referência a uma das ideias motriz da comunicação e, singularmente, da comunicação política, que nos chegou desde Lucien Goldmann, a de ativar a dialética entre consciência real/consciência possível, entre aquilo que não deixas passar porque não coincide com o que pensas, com os valores incorporados, ou com o que de maneira imediata precisas, a consciência real, e aquilo que estás em condições, apesar do anterior, de deixar passar, porque coincide com os teus interesses comunais e de classe. Mestre nos sinais que vão de uma para outra, da consciência da situação presente para uma nova que se está a lavrar, Castelao adverte-nos de uma eiva, a da modéstia, como paulinha a desterrar.

Se tiver que escolher um parágrafo, talvez o meu olhar fosse para um dos artigos da supracitada *Nova Galiza*:

Pensais que a nossa Terra pode continuar sendo um criadouro de carne humana, para enviar para as Américas em paquetes teutões? Porque o nosso dever está em assegurar o direito ao trabalho remunerado, para que nenhum irmão nosso emigre por necessidade. Pensais que os Galegos podem continuar andando pelo mundo fora a oferecerem indignamente a mercadoria dos seus lombos e dos seus braços? Porque o nosso dever está em armar o povo duma instrução primária, profissional e técnica, que lhe permita ser digno em todas as partes, e em todas as partes encontrar as vantagens que se oferecem a um Inglês, a um Alemão...

Sempre em Galiza, Pág. 47